

**APLICAÇÃO DO CINEMA DIGITAL NA PROMOÇÃO DA
IGUALDADE DE GÊNERO NA ESCOLA**

***APLICACIÓN DEL CINE DIGITAL EN LA PROMOCIÓN DE LA
IGUALDAD DE GÉNERO EN LA ESCUELA***

***THE USE OF DIGITAL CINEMA IN THE PROMOTION OF GENDER
EQUALITY IN SCHOOL***

Fernanda de Carvalho Azevedo MELLO¹
Janderlan Alexandre de ARAUJO²
Andréa Carla Mendonça de Souza PAIVA³
Maria Grazia Cribari CARDOSO⁴

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar a utilização do cinema digital para discutir diversidade e desigualdade de gênero na sociedade, a partir de debates entre estudantes do Ensino Médio. Fruto de um projeto de extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), intitulado *Cine debate: igualdade de gênero e raça na escola*, a ação constou da exibição de filmes sobre gênero entre estudantes da escola pública estadual de referência Professor Cândido Duarte. Foram adotados dois critérios para a seleção da cinematografia: filmes brasileiros de curta-metragem que versaram sobre os temas do projeto, tais como diferenças de gênero (em suas várias linhas). Logo após a projeção dos filmes, foram incentivados debates entre os estudantes. Por fim, foi solicitada a avaliação desses filmes a partir de questionário com perguntas abertas e fechadas (RICHARDSON, 1999) que indagavam sobre a obra cinematográfica e a relação desta com a vida cotidiana; além de serem trazidas perguntas específicas de identificação: nome, idade, sexo, cor, religião e série escolar foram algumas das informações requisitadas. A análise dos questionários apontou a importância do cinema como instrumento de comunicação, podendo ser utilizado para refletir sobre a condição de gênero e trabalho entre homens e mulheres na sociedade e na família, ampliando o aprendizado e motivando o debate.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema digital. Gênero. Divisão sexual do trabalho.

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Recife – PE – Brasil. Estudante do curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela (UFRPE). E-mail: mandacmello@hotmail.com

²Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Recife – PE – Brasil Estudante do curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela UFRPE. E-mail: janderlan.araujo@gmail.com

³Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Recife – PE – Brasil. Professora do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal da UFRPE. Doutora em Nutrição com ênfase em Ciência dos Alimentos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: andreacarlam@gmail.com

⁴Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Recife – PE – Brasil. Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE. Doutora em Antropologia. E-mail: mariagraziacardoso@gmail.com

RESUMEN: *Este artículo tiene como objetivo presentar el uso del cine digital para tratar la diversidad y la desigualdad de género en la sociedad, a partir de las discusiones entre los estudiantes de secundaria. Resultado de un proyecto de extensión de la Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), titulado Cine debate: la igualdad de género y raza en la escuela, la acción consistió en la proyección de películas sobre género entre los estudiantes de la escuela estatal de renombre llamada Professor Cândido Duarte. Hemos adoptado dos criterios para la selección de la cinematografía: películas brasileñas de cortometrajes que trataban de los temas del proyecto, tales como las diferencias de género (en sus diversas líneas). Después de la proyección de las películas, el debate fuera incentivado entre los estudiantes. Por último, se solicitó la evaluación de las películas por medio de un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas (RICHARDSON, 1999) que versaban sobre la obra cinematográfica y su relación con la vida cotidiana. Además, fueron traídas preguntas específicas de identificación, tales como, nombre, edad, sexo, color, religión y grado de la escuela. El análisis de los cuestionarios mostró la importancia del cine como herramienta de comunicación que se puede utilizar para reflexionar sobre la condición de género y trabajo entre hombres y mujeres en la sociedad y la familia, ampliando el aprendizaje y motivando el debate.*

PALABRAS-CLAVE: *Cine digital. Género. División sexual del trabajo.*

ABSTRACT: *This work aims to present the use of digital cinema to discuss diversity and gender inequality in society, based on debates among high school students. As a result of an extension project of the Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), titled Cine debate: gender and race equality in school, the action consisted of films exhibition on gender among students of a known state public school called Professor Cândido Duarte. Two criteria were adopted for the selection of the cinematography: Brazilian short films that covered the project themes, such as gender differences (in their diverse thematic lines). After the broadcast of the films, the debate was encouraged among the students. Finally, it was requested the evaluation of these films from a questionnaire with open and closed questions (RICHARDSON, 1999) that asked about the cinematographic work and its relation with the daily life. In addition to that, it was requested some basic information, such as name, age, sex, color, religion and school series. The analysis of the questionnaires pointed out the relevance of the digital cinema as a communication tool that can be used to reflect on gender and work condition between men and women in society and family, increasing the learning and encouraging the debate.*

KEYWORDS: *Digital cinema. Gender. Sexual division of labor.*

Introdução

Este trabalho é fruto do Projeto de Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), intitulado *Cine Debate: Igualdade de Gênero e Raça na Escola*. O objetivo deste trabalho é apresentar a utilização do cinema digital para discutir

diversidade e desigualdade de gênero e raça na sociedade brasileira, a partir de debates entre os estudantes do Ensino Médio. Considerando que o gênero é uma construção cultural e social das diferenças biológicas entre os sexos binários, procurou-se questionar alguns sentidos culturais e simbólicos concordantes e comuns a respeito das diferenças de gênero, de acordo com as diversas formas em que ele está inserido na sociedade brasileira. Foram abordados temas como a divisão sexual do trabalho, o preconceito, a intolerância e a violência contra a mulher/homossexuais/transexuais.

O cinema digital foi utilizado para criar oportunidade de reflexão pessoal e coletiva, de transgressão de ideias, de um problema social através da dimensão artística e emocional. Além de ser uma ferramenta ou uma atividade educativa que complementa a sala de aula, o cinema é uma forma de ‘desaprender’ ou repensar noções correntes sobre problemas sociais que aprendemos cotidianamente (FRESQUET, 2013).

Assim, o cinema contribui na escola, não só para passar conteúdos complementares, mas também corroborando a formação de estudantes como agentes de mudanças políticas e sociais, por meio do pensamento crítico e, conseqüentemente, a promover a transformação da sociedade. Então, o cinema opera no sentido da reforma social quando ele nos faz refletir sobre nós mesmos e sobre a sociedade, desestabilizando conceitos e preconceitos estabelecidos.

A ação desse projeto constou da exibição de filmes sobre gênero entre estudantes do Ensino Médio na escola pública estadual de referência Professor Cândido Duarte. Para essa ação foram adotados dois critérios para a seleção da cinematografia: filmes brasileiros de curta-metragem que versavam sobre os temas do projeto, tais como as diferenças de gênero (em suas várias linhas). Logo após a projeção dos filmes, foram incentivados debates entre os estudantes. Por fim, foi solicitada a avaliação desses filmes a partir de questionário com perguntas abertas e fechadas (RICHARDSON, 1999) que indagavam sobre a obra cinematográfica e a relação desta com a vida cotidiana, além de serem trazidas perguntas específicas de identificação: nome, idade, sexo, cor, religião e série escolar foram algumas das informações requisitadas.

O referido educandário funciona em tempo integral e por meio de uma parceria entre a UFRPE e o Governo do estado desde 2010. Tem como objetivo a formação do estudante do ensino médio e, ao mesmo tempo, a prática dos diferentes cursos de licenciatura da UFRPE. Dessa forma, a escola e seus estudantes participam de práticas pedagógicas inovadoras e de projetos (de ensino, pesquisa e extensão) com temáticas que incluem gênero, meio ambiente, entre outras.

Ao todo, 24 estudantes participaram da projeção, do debate e do preenchimento do questionário. As perguntas abertas foram analisadas a partir da abordagem qualitativa, visando a compreensão do conteúdo da fala dos entrevistados – interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual e teórica – e detendo-se no conteúdo exposto, fazendo relações, interpretações e identificando pontos críticos e seus significados. Os resultados foram analisados considerando também o efeito das cenas cinematográficas, em relação à capacidade de promover a reflexão sobre o contexto de vida de cada aluno, através de imagens livres das imposições do mundo prático (XAVIER, 2008). Desse modo, as respostas foram analisadas a partir do contexto reflexivo que promoveram nos discentes sobre as questões apresentadas no filme, tomando-se por consideração as circunstâncias sociais e individuais dos alunos.

Então, para esse artigo, foram utilizados os dados da avaliação sobre o documentário *Mulheres Invisíveis*, produzido pela *Sempreviva Organização Feminista* (SOF) com apoio da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM). O filme, que aborda o tema das mulheres no mercado de trabalho, apresenta uma análise crítica acerca da divisão por gênero do trabalho na sociedade, cuja divisão no capitalismo – de caráter produtivo e reprodutivo – a obra cinematográfica identifica como a atribuída e a qual gênero privilegia.

De caráter feminista, o filme visa à conscientização do espectador para a constante dupla jornada de mulheres que, inseridas dentro do mercado de trabalho produtivo (no qual há uma remuneração financeira), também são responsáveis pelo trabalho reprodutivo, isto é, o trabalho doméstico, para o qual não há remuneração ou reconhecimento. O documentário se faz importante ao mostrar a atual condição do trabalho das mulheres. Defendendo que masculino e feminino são noções criadas pela sociedade, *Mulheres Invisíveis* traz leveza e clareza ao tema abordado. Apenas ao entender que os papéis de gênero são um construto social é que se pode começar a debater a desigualdade de gênero, ou ainda a noção de gênero, na sociedade.

A divisão sexual do trabalho, o marxismo e o feminismo

O conceito de *divisão sexual do trabalho* traz a discussão sobre gênero para dentro das questões do próprio *trabalho*. Em outras palavras, é o debate sobre gênero circunscrito ao âmbito do trabalho. Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho é apenas

um aspecto das relações de gênero, uma vez que estas correspondem à totalidade das práticas sociais (esporte, literatura, arte, medicina, etc.) e organizam um espaço diferente de acordo com o gênero (CARDOSO, 2006). Sabe-se que esse debate remonta desde a década de 70, quando feministas francesas de esquerda estenderam a categoria marxista de relações de produção para a produção doméstica. Conforme Araújo (2001), até a década de 70 na Europa, nos EUA e na América Latina, os estudos sobre o trabalho tratavam a classe trabalhadora como homogênea e não atentavam para as diferenças entre homens e mulheres, o que tornava invisível o trabalho da mulher. Desse modo, nota-se uma intensa contribuição do feminismo às teorias marxistas, pois muitas estudiosas feministas apoiaram-se nas categorias marxistas para a análise da situação do trabalho remunerado e do trabalho doméstico dentro do sistema capitalista. Assim, o feminismo contribuiu junto ao marxismo na medida em que discutiu os limites das teorias econômicas e, em especial, as teorias de valor, as relações entre produção e reprodução, o trabalho doméstico e a articulação entre divisão social e sexual do trabalho (CASTRO, 2003).

De maneira geral, a preocupação do feminismo marxista era de desvendar a base material da opressão feminina tornando visível a questão do trabalho doméstico e suas relações com o capital. No entanto, como afirma Saffioti (1992), as relações domésticas tendiam a ser vistas como subsumidas às relações de classe. É sabido que a perspectiva marxista fundamentou a análise sobre a dominação dos trabalhadores pelos interesses das classes dominantes. Ora, a exploração de classe e a maneira como essa exploração estrutura as relações sociais foram consideradas fundamentais porque constituem a base econômica da sociedade. Dessa forma, as relações de trabalho domésticas foram consideradas secundárias à problemática central da opressão de classe.

Nesse cenário, todo esforço do feminismo marxista foi analisar o trabalho doméstico como um conjunto de relações de produção no interior do sistema econômico. A discussão girou sobre as possibilidades de se avaliar se as categorias analíticas usadas para o entendimento do trabalho assalariado serviriam para o trabalho doméstico. Logo, discutiu-se se esse trabalho era uma forma ou não de produção de mercadorias e qual era o papel que desempenhava nas relações de produção capitalista. As estudiosas feministas, então, conjugaram a análise marxista de classe social às análises das relações entre os sexos, e inseriram a questão do poder e sua significação por meio do conceito do patriarcado em sua conexão com o capitalismo. Essa

abordagem foi usada para se entender situações de discriminação e subordinação das mulheres.

É necessário afirmar que não existe unanimidade entre as feministas marxistas quanto às relações entre *patriarcado* e *capitalismo*. Para algumas, o patriarcado e o capitalismo formam um único sistema de dominação (social, econômica, política e cultural) que se reflete no mercado de trabalho pelo uso diferenciado da força de trabalho feminina (SAFFIOTTI, 1992). Outras estudiosas, ao contrário, consideram o patriarcado autônomo, embora subordinado às estruturas de classe (COMBES; HAICAULT, 1986). Por outro lado, a unanimidade de concepção entre feministas marxistas está na ideia da dominação masculina encontrada na família ou na relação com o Estado. Nos dois níveis de análise, a mulher encontra-se sedimentada num sistema de dominação entre os sexos.

Em face desses questionamentos feministas ao moderno conceito de trabalho, podemos dividir atualmente as teorias da divisão sexual do trabalho em duas grandes correntes do pensamento. A (i) teoria da divisão sexual do trabalho do liame social ou elo social e (ii) as teorias da divisão sexual do trabalho das relações sociais antagônicas entre os sexos (HIRATA, 2000, 2002, 2004).

A primeira tem uma visão mais tradicional quanto ao trabalho e refere-se à diferenciação de tarefas entre homens e mulheres. Nessa perspectiva, a família e especificamente a mulher são peças-chaves para o estabelecimento de vínculo social. A família é percebida como um espaço de complementaridade entre homens e mulheres, cujos papéis são desempenhados de acordo com o sexo. Esse modelo define o papel feminino restrito às tarefas domésticas e o papel masculino ancorado no mundo do trabalho. Assim, faz-se um paralelo entre as atividades e as principais obrigações vinculadas aos papéis de pai e mãe dentro da família. O fato de a mulher ser mãe determinaria certos vínculos na divisão sexual do trabalho. Nesse esquema teórico, o status de família advém do marido-pai e dos ganhos obtidos com o trabalho remunerado. Essa condição invisibiliza o trabalho doméstico, desvalorizando-o. Apesar dessas pressuposições, a família seria um espaço igualitário, uma relação entre iguais que, não obstante, desempenhariam papéis diferentes. De todo modo, a divisão sexual

do trabalho foi tratada como um fato universal encontrada em todas as sociedades através do tempo⁵.

Noutra versão do paradigma da divisão sexual do trabalho – a das relações sociais antagônicas entre os sexos –, ao aspecto da especialização das atividades, alia-se a questão da subordinação e assimetria nas relações de gênero. Enfatiza-se a construção cultural da diferenciação das atividades e as dimensões espaciais e temporais da subordinação (HIRATA, 2000, 2002, 2004). O foco está, assim, no conceito de reprodução e nas formas que esta se articula à produção capitalista. O conceito de patriarcado é importante para entender as diferenças na posição social entre os sexos, pois essa noção insere-se na discussão do *poder* e da *assimetria* entre os sexos. Ora, o patriarcado diz respeito ao regime das relações economicamente sustentadas pela primazia do homem sobre a mulher. Para alguns estudiosos, o patriarcado é um sistema universal exposto através do exercício da dominação centralizado no poder masculino (DELPHY, 2002). Nessa perspectiva, essa assimetria deveria ser buscada nas relações de parentesco e, mais especificamente, nas trocas de mulheres realizadas pelos homens para atender às necessidades de expansão da família. Assim, a divisão sexual do trabalho seria mais especializada quanto mais complexa a sociedade. Se nas sociedades simples os trabalhos de homens e mulheres seriam igualmente produtivos, nas sociedades complexas a produção para troca suplantaria a produção para o consumo. Desse modo, as mulheres tenderiam a se especializar nos papéis de esposas e mães subordinadas ao homem.

Esse quadro teórico permitiu a migração das explicações sobre a diferença social entre os sexos da esfera da produção para a reprodução. Então, passou-se a constituir mais de uma esfera de submissão feminina como, por exemplo, a sexualidade e a reprodução biológica. Para os autores que adotam essa (segunda) abordagem, o patriarcado perpassou o desenvolvimento do capitalismo. Portanto, essa perspectiva permitiu pensar nas possibilidades de mudança na posição social da mulher em consequência da transformação das relações econômicas e da propriedade privada (HEILBORN, 1999).

As análises operadas por nós a partir da ação do projeto supracitado percebem a divisão sexual do trabalho e a dominação masculina tendo origem basicamente na

⁵ Em sua perspectiva mais tradicional, a divisão sexual do trabalho não problematizou a relação de gênero. Ela naturalizou a posição de homens e mulheres como decorrência da condição biológica, sem atentar para a construção cultural dos gêneros.

família, sendo o resultado de relações sociais de controle masculino sobre a reprodução e a força de trabalho das mulheres. Enquanto isso, o conceito de produção capitalista é estritamente definido na relação entre o capital e o trabalho, e o de reprodução possui diferentes concepções que remetem a níveis diferentes da realidade.

É importante salientar que no feminismo marxista ortodoxo as relações entre os sexos são submetidas às relações de classe. A opressão desta é, assim, estruturante das relações sociais. Ao contrário dessa visão, na perspectiva da produção-reprodução, as relações de classe e as relações entre os sexos são pensadas de maneira integrada. Para Kergoat (1986), não há subordinação de uma esfera por outra: tanto as relações de classe atuam na reprodução, quanto nas relações entre os sexos. Esse olhar abre novas perspectivas para entender a reprodução interligada à produção e mostra esta última como embasada por distinções da esfera da reprodução.

De todo modo, a perspectiva produção-reprodução recusa-se a considerar que a esfera de produção, na sua expressão de capitalismo patriarcal, seja determinante das práticas sociais. As relações sociais de sexo e as de classe são simultâneas e funcionam por antagonismos e oposições atualizadas no tempo e no espaço por configurações próprias. Portanto, a perspectiva produção-reprodução nos fornece pistas para entender que as relações sociais entre os sexos e as relações de classe são simultâneas. Ou seja, a divisão sexual do trabalho é criada muitas vezes fora do domínio exclusivo da produção. A desigualdade social entre os sexos na esfera da reprodução migra para a produção constituindo uma esfera de diferença entre sexos que constrói uma dupla submissão: a de sexo e a de classe.

Disso, a divisão sexual do trabalho é uma forma de divisão do trabalho que segue os princípios da separação e da hierarquização. Atualmente, o reconhecimento da heterogeneidade das mulheres e a necessidade de articular a categoria de divisão sexual do trabalho a outros marcadores de desigualdades sociais como *raça* revela a condição precária da mulher negra, como fundamenta Kergoat (2010). Logo, a questão norteadora da pesquisa é: qual a compreensão sobre a condição da mulher no trabalho provocada pelo documentário *Mulheres Invisíveis* entre estudantes no contexto escolar? Qual a reflexão que suscitou o filme?

A divisão sexual do trabalho na reflexão dos estudantes

Conforme supracitado, 24 alunos participaram da atividade, sendo 11 do sexo feminino e 13 do masculino. Nove dos(as) entrevistados(as) se reconheceram como pardos, seis se reconheceram como brancos, quatro como negros, um indígena, dois da cor amarela e dois não responderam. Em relação à faixa etária, a maioria está entre 14 e 15 anos; seis entre 16 e 17; apenas um com 18 anos e dois não responderam. Todos são estudantes do primeiro ano do ensino médio. Tendo em vista que a escola é localizada no bairro de Dois Irmãos, o local de residência abrange os bairros e municípios próximos, como o próprio bairro da escola, Apipucos e Casa Amarela, e municípios como Camaragibe, Paulista e Olinda.

Sobre as mensagens do filme exibido, foi constatada, através das respostas, a ligação dos estudantes com a vida cotidiana e a mudança imaginária que fariam do fenômeno social revelado no vídeo. De uma forma geral, na discussão em sala de aula, houve uma maior participação das meninas, ou seja, foram elas que mais contribuíram com o debate. No questionário, em relação à ligação que fizeram entre o fenômeno exposto na obra e suas vidas cotidianas, houve uma correlação entre os(as) jovens com suas famílias. Entre eles, apenas cinco não fizeram relação com sua família, mas associaram o tema à condição do trabalho doméstico e à desigualdade entre homens e mulheres na sociedade. Os meninos foram os que mais aproximaram a situação exposta à vivida pelas suas mães e irmãs: “Sim, porque minha mãe, ela faz tudo dentro de casa, cozinha, arruma e ainda trabalha de manicure”. Quando não associavam às suas mães, ampliaram a discussão para a condição da mulher na sociedade brasileira em geral.

Enquanto as jovens compararam a situação exposta pelo filme com a condição de trabalho das mulheres na sociedade – em casa especificamente como realizando os trabalhos domésticos e, no mundo do trabalho, como sofrendo desigualdades em relação aos homens –, elas não relacionaram diretamente o tema com suas vidas pessoais. Houve uma jovem que relatou diretamente a sua situação na família: “Quando eu chego da escola limpo a casa, às vezes cozinho [...]”.

Perguntados se estivessem no lugar dos personagens qual seria a atitude deles, a maior parte dos jovens (8 estudantes) não respondeu a questão ou disse não saber. Registramos também respostas que denotam ideias participativas de contribuição ao trabalho doméstico e ao sustento do lar. Por outro lado, entre eles houve apenas um retorno mais conservador no sentido de minimizar a situação da mulher no trabalho: “Pararia de vitimismo” e “A mulher pode sustentar a casa”.

No entanto, a mesma questão quando colocada para as jovens levou a um retorno que expressa uma vontade de mudança, seja nas relações mais individuais, por exemplo: “Se fosse homem, ajudaria a mulher” –, seja naquelas que exprimem a transformação coletiva, por exemplo: “eu conscientizaria as pessoas da igualdade entre homens e mulheres” e “eu acharia um meio das mulheres terem os mesmos direitos dos homens”. Porém, ambas as respostas apresentam a perspectiva da divisão sexual do trabalho enquanto uma complementaridade entre homens e mulheres.

Quanto aos pontos relevantes sobre o trabalho feminino percebidos na obra apresentada, os estudantes relataram a desigualdade, a discriminação e a diferença entre homens e mulheres na sociedade. Dois deles se referiram às seguintes questões: a execução do trabalho doméstico pelas mulheres, a quantidade excessiva do trabalho da mulher e a luta feminista pelos direitos da mulher.

Destaca-se ainda que, entre os jovens, cinco não responderam e um afirma uma repulsa pelo tema e pelo debate apresentado: “Favor lembrar que uma mentora do feminismo, Simone (sobrenome francês), era uma pedófila. Vocês são repugnantes”. Por outro lado, as jovens enfatizaram em suas respostas as diferenças salariais entre homens e mulheres, a realização pela mulher do trabalho doméstico associado ao trabalho remunerado e a predominância do trabalho doméstico remunerado entre as mulheres trabalhadoras brasileiras. Em relação às novidades que o filme trouxe, foi comum entre as estudantes o desconhecimento da maior carga horária de trabalho atribuída às mulheres. Ademais, entre as jovens que afirmaram gostar do documentário, o fator em comum com sua realidade foi o trabalho doméstico. Por se verem representadas no curta-metragem, elas afirmaram que o filme retratou a realidade e a expectativa de vida para elas. Quando perguntadas sobre as novidades que a exibição lhes trouxe, elas são enfáticas: nenhuma.

As diferenças sutis entre as respostas podem indicar um caminho longo em busca da igualdade, ainda que uma significativa mudança já esteja em curso. Entre as diversas frases impactantes encontradas nas respostas, e que poderiam sintetizar essa análise, destacamos a de um jovem que afirmou o seguinte: “Minha mãe trabalha em diversas casas, mas ela, infelizmente, não recebe o salário digno de seu esforço”.

Considerações finais

Como sabemos, o cinema é um poderoso instrumento de comunicação que veicula informações que podem ser exploradas para abordar uma grande diversidade de temáticas pedagógicas. As imagens sensibilizam e estimulam a discussão, motivando e facilitando o aprendizado.

A análise inicial dos questionários mostra que houve um recebimento bastante positivo do projeto entre os estudantes e a vontade para o debate e a exposição de suas ideias. Contudo, embora em menor número, encontramos posições mais conservadoras. Assim, concluímos que os estudantes que participaram do projeto usaram a mensagem construída pelo filme para refletir sobre a condição de gênero e de trabalho entre homens e mulheres na sociedade e na sua família.

Foi constatado ainda que, do prisma educacional, a utilização do cinema em sala de aula aliada à aplicação de uma atividade que corrobore o que foi visto, no caso, a aplicação de um questionário, possibilita a ampliação do aprendizado e transforma a aula em uma atividade lúdica e instigante que colabora significativamente para a motivação.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Â. M. C.; AMORIM, E. R. A. Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas. **Cadernos Pagu** (Online), n. 17-18, p. 267-310, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 fev. 2017
- CARDOSO, M. G. C. **Família, gênero e empresa**: o comércio de vestuário no bairro de São José – Recife-Pernambuco. 2006. 268f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2006.
- CASTRO, M. G. Marxismo, feminismos e feminismo marxista – mais que um gênero em tempos neoliberais. **Crítica Marxista**, p. 98-108, 2003.
- COMBES, D.; HAICAULT, M. Produção e reprodução, relações sociais de sexos e de classes. In: KARTCHEVSKY, A. et. al. **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DELPHY, C. Patriarcado. In: HIRATA, H.; LABORE, F. et al. **Diccionario crítico del feminismo**. Síntesis: Madrid, 2002.
- FRESQUET, A. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora da escola”. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELLI, S. et al. **O que se deve ler em ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Cortez e ANPOCS, 1999.

HIRATA, H. S. Divisão sexual do trabalho: novas tendências e problemáticas atuais. Gênero no mundo do Trabalho. In: **I Encontro de Intercâmbio de Experiências de Gênero no Brasil**, Brasília: CIDA, 2000.

HIRATA, H. S. **Nova divisão sexual do trabalho?** São Paulo: Boitempo, 2002.

HIRATA, H. S. Trabalho doméstico: uma servidão “voluntária”? **Coleção Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher – PMSP**, n. 8 – Políticas Públicas e Igualdade de Gênero, dez. 2004.

KERGOAT, D. Em Defesa de uma Sociologia das Relações Sociais. In: KARTCHEVSKY, A. et al. **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KERGOAT, D. Dinâmica e Consustancialidade das Relações Sociais. **Novos Estudos**. CEBRAP (Online), São Paulo, n. 86, p. 93-103, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 abr. 2017

SAFFITOTI, H. I. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992, p. 39-53.

XAVIER, I. Um cinema que “educa” é um Cinema que (nos) faz pensar. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, p. 13-20, jan./jun. 2008.

Como referenciar este artigo

MELLO, Fernanda de Azevedo Carvalho et al. Aplicação do cinema digital na promoção da igualdade de gênero na escola. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp. 01, p. 665-676, out./2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.esp1.out.2017.10428>>. ISSN: 1519-9029.

Submetido em: 17/04/2017

Aprovado em: 20/06/2017